



JOSÉ AUGUSTO DE MORAES E MARILDO SILVA

EQUIPAMENTOS QUE CONTAM A HISTÓRIA DE IPATINGA

CAPÍTULO II

PERSONAGEM DA HISTÓRIA

PONTILHÃO DE FERRO, ESTAÇÃO IPATINGA E CASAS DAS TURMAS

Com a impossibilidade de os trens continuarem a trafegar por Pedra Mole, a partir de 1930 os trilhos foram transferidos para a rua Belo Horizonte, no Centro de Ipatinga, onde foi construída a “Estação Ipatinga”, conhecida hoje como “Estação Memória Zeza Souto”.

Pontilhão de ferro

Esquecido no final da rua Belo Horizonte está o pontilhão de ferro. Ponte metálica em treliça, construída no final da década de 1920, para permitir a passagem da linha férrea sobre o ribeirão Ipanema. Foi inaugurado em 1930, junto com a Estação Ipatinga.

Casas das turmas

Para abrigar os funcionários que chegavam para trabalhar na ferrovia, foram construídas quatro casas, no local onde hoje é o bairro Veneza II.

Desativação

Em 1951, a empresa canadense Morrison, por motivo de economia, resolveu desativar a Estação Ipatinga. Essa atitude teria matado de paixão Manoel Izídio, então encarregado da Belgo-Mineira.

Os trilhos que ligam Minas Gerais ao Espírito Santo foram redirecionados para as proximidades do leito atual. O ponto de parada dos trens passou a ser uma estaçãozinha provisória, construída com madeira, perto de onde hoje se situa a Praça Caratinga.

Porém, mesmo após a desativação foi mantido, na estação da rua Belo Horizonte, um terminal de trilhos onde eram descarregados os materiais utilizados na construção da barragem de Salto Grande.

Com o início das obras da Usiminas, os trilhos ocuparam o local onde estão hoje e foi construída, no final da década de 1950 - e inaugurada em 1960 -, a atual Estação Intendente Câmara.

Após a completa desativação, a Estação Ipatinga serviu inicialmente como sala de aula para as crianças, e ainda de morada para as pessoas vítimas de enchentes - e por um bom tempo ficou totalmente abandonada.

Reconstruída, hoje sedia a Estação Memória Zeza Souto e abriga parte do acervo documental e fotográfico da história de Ipatinga.

O pontilhão de ferro foi adaptado, em 1986, para passagem de carros e pedestres, tornando-se uma alternativa de ligação entre o Centro da cidade e o bairro Veneza II. Com a construção de nova ponte ligando os dois bairros, é passagem somente para pedestres e ciclistas.

A mesma sorte não tiveram as casas das turmas, cujas características foram totalmente modificadas, visando interesses comerciais e/ou particulares.

Em dezembro de 1992, totalmente restaurada, a “Estação Ipatinga” foi incorporada ao Patrimônio Histórico e Cultural de Ipatinga e, em setembro de 1996, foi a vez do pontilhão de ferro e das casas das turmas.



Pontilhão de ferro da rua Belo Horizonte



Ruínas da Estação Ipatinga, atual Estação Memória Zeza Souto



Casa das turmas dos ferroviários no bairro Veneza II

MAURÍCIO ANDRADE GUERRA

Maurício Guerra nasceu e foi criado em uma fazenda no município de Nova Era. Casou-se com Maria Aparecida Martins Guerra, com quem teve oito filhos: Gecy, Marcos Antônio, Ana Aparecida, Auxiliadora, Elizabeth, Marcelo, Maurício Jr. e Mauro.

Conheceu Ipatinga em 1955, quando ele e o irmão Marcelo acompanhavam o pai, à procura de pastos para arrendar.

Em 1963, Maurício, que já era sócio do irmão Márcio, aceitou, “embora receoso”, uma nova sociedade na compra do único posto de gasolina de Ipatinga, que denominaram “Posto Guerra”. O receio era devido ao “período de muita agitação social” da época.

“Quando assumimos a direção do posto de gasolina, em Ipatinga não existia luz elétrica. Tínhamos um grupo gerador, que fornecia energia elétrica para o posto e alguns vizinhos.

Em 1971, para diversificar nossas atividades, criamos a Encol, firma especializada na extração, transporte e comercialização de areia.

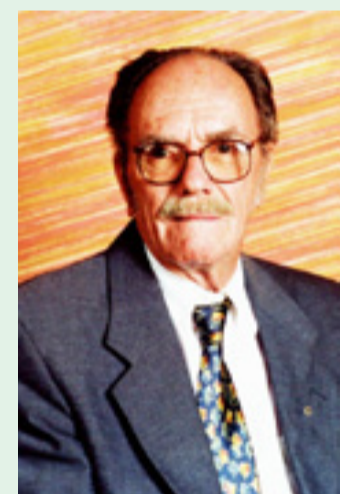
Em 1974, ampliamos os negócios da Encol, instalando britador para a indústria de britagem na Fazenda Madalena, até setembro de 1975, ocasião em que separamos os negócios, quando ficamos com a Sociedade Irmãos Guerra Ltda.

Em fevereiro de 1976, demos início à construção do

Posto e Pousada Independência - modesta à parte, dotando Ipatinga e o Vale do Aço de um hotel de alta categoria, construído pela iniciativa privada. Embora com grande dificuldade, em outubro de 1976 colocamos em operação o posto e, em fevereiro de 1978, o hotel.

Particpei como sócio-fundador do Ipaminas Esporte Clube, da criação da Companhia Telefônica de Ipatinga, da fundação da Aciapi, da fundação do Game e da campanha do Rotary para a construção do Colégio João XXIII. Em outubro de 1973, ingressei no Lions Clube de Ipatinga.

Em 1975, fui eleito na chapa de Romero José Santos Vale para o cargo de 1º vice-presidente da Associação Comercial de Ipatinga. Em junho de 1976, por motivo de licença do presidente Romero, assumi a presidência até janeiro de 1977. Em 1981, fui eleito presidente da entidade.”



Maurício Andrade Guerra

CAUSOS E CURIOSIDADES

A POLUIÇÃO “ESTRATIFICADA”

O projeto da construção da Usiminas, elaborado pela Federação das Indústrias de Minas Gerais - Fiemg -, foi tão detalhado que definia até a direção da poluição que seria gerada pelos equipamentos durante a produção do aço.

Tal aspecto, visando a proteção dos mais “afortunados”, foi considerado por Rafael Hardy Filho quando da definição da localização dos primeiros bairros, onde iriam morar a chefia da empresa, engenheiros e técnicos.

Assim, a previsão era que o lado da chefia não iria sofrer com a fumaça e nem mesmo o pó.

Porém, os arquitetos e construtores se esqueceram de avisar esse detalhe para a mãe natureza, que, talvez por pirraça, acabou jogando toda a poluição justamente para os bairros Castelo e Cariru.

Interessante é que a posição da fumaça vermelha da Aciaria I (foto), por muito tempo, serviu como uma espécie de serviço de meteorologia para os moradores da cidade.



O CASO DA “LOURA”

Antigamente, os funcionários da Usiminas e das empreiteiras juravam que eram perseguidos por uma “loura”. Isso normalmente acontecia à noite, mas também houve notícias de ataques durante o dia, principalmente quando estavam indo ou voltando do trabalho. O certo que se conta é que, por incrível que pareça, todos tinham medo da tal “loura”.

Certa vez, um funcionário, após encerrar seu turno de trabalho à meia-noite, ia descendo de bicicleta a av. Kiyoshi Tsunawaki, logo após ser inaugurada (foto), saindo do hospital em direção ao Cariru, carregando sua marmita na garupa.

No meio do morro, ele ouviu um tremendo barulho. Apavorado, pensou logo que era a tal “loura”. Nem olhou para trás, apertou o pé e despencou morro abaixo.

Só parou quando chegou em casa. Foi aí que percebeu que tinha perdido a marmita. O barulho havia sido provocado pela queda da marmita no asfalto...

